

# Desafios da equipe de enfermagem na comunicação com pacientes surdos: Revisão de escopo

**RESUMO** | Objetivo: Mapear e sumarizar estudos que apontem os desafios da equipe de enfermagem na comunicação com pacientes surdos. Métodos: Trata-se de uma revisão de escopo. Os descritores usados: "Equipe de Enfermagem"; "Comunicação em Saúde" e "Pessoas com Deficiência Auditiva. A coleta de dados foi realizada em setembro e outubro de 2022 e estes, extraídos de maneira independente pelos dois revisores, por formulário desenvolvido pelos autores, seguindo as recomendações do Manual JBI. Resultados: Após análise e seleção dos estudos, chegou-se ao quantitativo final de 24 artigos, publicados entre 1998 a 2022, sendo as pesquisas descritas numa sequência cronológica em que foram evidenciados 24 estudos. Conclusão: Os profissionais de saúde ainda possuem limitações em comunicar-se por meio da Língua Brasileira de Sinais com os pacientes surdos, que necessitam de acompanhante para facilitar a comunicação no processo de cuidar, e como barreira, o não saber LIBRAS para a assistência aos usuários surdos.

**DESCRITORES:** Comunicação; Enfermagem; LIBRAS; Surdo.

**ABSTRACT** | Objective: To map and summarize studies that point out the challenges faced by nursing staff in communicating with deaf patients. Methods: This is a scoping review. The descriptors used were: "Nursing Team"; "Health Communication" and "People with Hearing Impairment". Data was collected in September and October 2022 and extracted independently by the two reviewers, using a form developed by the authors, following the recommendations of the JBI Manual. Results: After analyzing and selecting the studies, a final total of 24 articles were found, published between 1998 and 2022, with the research described in a chronological sequence in which 24 studies were found. Conclusion: Health professionals still have limitations in communicating through Brazilian Sign Language with deaf patients, who need a companion to facilitate communication in the care process, and as a barrier, not knowing LIBRAS to assist deaf users.

**KEYWORDS:** Communication; Nursing; LIBRAS; Deaf.

**RESUMEN** | Objetivo: Mapear y resumir estudios que destaquen los desafíos que enfrenta el equipo de enfermería al comunicarse con pacientes sordos. Métodos: Esta es una revisión del alcance. Los descriptores utilizados: "Equipo de Enfermería"; "Comunicación en Salud" y "Personas con Discapacidad Auditiva. La recopilación de datos se llevó a cabo en septiembre y octubre de 2022 y los dos revisores la extrajeron de forma independiente, utilizando un formulario desarrollado por los autores, siguiendo las recomendaciones del Manual del JBI. Resultados: Después del análisis y selección de los estudios, la cantidad final fue de 24 artículos, publicados entre 1998 y 2022, con las investigaciones descritas en una secuencia cronológica en la que se destacaron 24 estudios. Conclusión: Los profesionales de la salud aún tienen limitaciones para comunicarse a través de la Lengua de Signos Brasileña con pacientes sordos, que necesitan un acompañante que facilite la comunicación en el proceso de atención, y como barrera, el desconocimiento de LIBRAS para atender a los usuarios sordos.

**DESCRIPTORES:** Comunicación; Enfermería; LIBRAS; Sordo.

## Cristian Carla Ferreira Moreira

Enfermeira. Graduada pela Faculdade Princesa do Oeste – FPO  
ORCID: 0009-0001-8319-903X

## Carlos Alberto Cavalcante de Lima

Discente do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Princesa do Oeste – FPO.  
ORCID: 0000-0002-5225-4446

## Rosângela Sousa Cavalcante

Enfermeira. Mestra. Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Princesa do Oeste – FPO.  
ORCID: 0000-0001-8267-5674

## José Zilmar de Sousa Vieira

Enfermeiro. Especialista. Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Princesa do Oeste – FPO.  
ORCID: 0009-0000-8801-2628

## Adriana Rodrigues de Sousa

Enfermeira. Mestra. Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Princesa do Oeste – FPO.  
ORCID: 0000-0001-7377-1082

## Ana Patrícia Timbó Batista Ribeiro

Enfermeira. Mestra. Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Princesa do Oeste – FPO.  
ORCID:0000-0002-7797-0713

## Anne Lívia Cavalcante Mota

Enfermeira. Mestra. Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Princesa do Oeste – FPO.  
ORCID: 0000-0002-4701-5811

## Maria da Conceição dos Santos Oliveira Cunha

Enfermeira. Doutora. Docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Princesa do Oeste – FPO.  
ORCID: 0000-0002-6805-6137

**Recebido em:** 05/12/2024

**Aprovado em:** 12/12/2024

## INTRODUÇÃO

A deficiência auditiva é um dos problemas sensoriais mais frequentes na população. Estima-se que existam no mundo 278 milhões de pessoas com perda auditiva moderada ou profunda bilateral.<sup>(1)</sup> Já no Brasil, o levantamento do censo demográfico de 2010 identificou 9,8 milhões de pessoas de deficiência auditiva, representando 5,1% da população. Dentre esses, 1,3% estaria na faixa etária de zero a 14 anos, 4,2% na de 15 a 65 anos, e 25,6% na faixa de 65 anos ou mais.

Dessa forma, observa-se a importância da comunicação auditiva, que é fundamento de ideias que capacitam os profissionais a se direcionarem a pacientes que cheguem nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) que, por meio da comunicação total, possam ser atendidos através da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com atendimento humanizado e necessário para que haja a capacidade de compreensão e acesso da equipe de saúde ao paciente, atendendo no todo a sua necessidade.

De acordo com Soares et al.<sup>(2)</sup>, essa comunicação se dá por meio da linguagem verbal, seja na sua forma oral (tentando fazer com que o usuário surdo consiga ler os lábios ou com a dependência de um acompanhante tradutor), ou na forma escrita. A Libras se dá providências a condição da pessoa surda com os direitos de Lei nº 10.436/2002, provocando o serviço público ao direito ao atendimento adequado a todos, inclusive ao paciente surdo, legalizando a comunicação obrigatória para com o paciente que necessita de comunicação bilíngue.<sup>(3)</sup>

Sabendo que a comunicação é o ponto de partida para todo e qualquer atendimento, o profissional enfermeiro encontra dificuldades no atendimento dentro dos serviços de atenção à saúde, já que a língua de sinais (Libras) ainda não é efetivamente usada, ficando inviável a comunicação entre paciente e profissional, tornando os pacientes vulneráveis a não serem compreendidos e assim impossibilitados de manifestar suas reais queixas.<sup>(8)</sup>

Dessa forma, objetivou-se em Mapear e sumarizar estudos que apontem fatores relacionados aos desafios da equipe de enfermagem na comunicação com pacientes surdos.

## MÉTODO

Este é uma revisão de escopo, conduzida com base na estrutura metodológica desenvolvida pelo Instituto Joanna Briggs – JBI.<sup>(12)</sup> e no checklist Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-Sc).<sup>(13)</sup>

A revisão foi desenvolvida em cinco etapas: (1) identificação da questão da pesquisa; (2) levantamento de estudos relevantes, que viabilizem amplitude e abrangência da revisão; (3) seleção dos estudos, conforme critérios predefinidos; (4) mapeamento dos dados; e (5) apresentação dos resultados.<sup>(12-13)</sup>

Foram incluídos nesta revisão, estudos publicados em periódicos revisados por pares que atendam aos seguintes critérios de elegibilidade, organizado pela estratégia PCC (P – população; C – conceito; C – contexto).<sup>(12)</sup> Sendo, população “Equipe de Enfermagem” AND conceito “Comunicação em saúde” AND contexto “Pessoas com Deficiência Auditiva”.

As pesquisas bibliográficas foram realizadas nas bases de dados eletrônicas indexadas nacionais e internacionais (PubMed, Medline (via BVS), Lilacs (via BVS), Scielo e Bdenf através do Portal Periódicos da Capes), não havendo restrições de idioma ou data de publicação. Foram consultadas as fontes de literatura cinzenta Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) afim de encontrar publicações não convencionais.

De acordo com o PRISMA ScR a avaliação da qualidade metodológica dos estudos primários reunidos através de instrumento padronizado não constitui exigência. Sendo de acordo com as diretrizes do Preferred Reporting Items for

Systematic Reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR) Checklist foram adotadas na elaboração desta revisão de escopo.<sup>(13)</sup>

Sobre o mapeamento das informações, foi feito com base no instrumento do JBI para caracterizar as produções.<sup>(12)</sup> Foi produzido Quadros de extração que incluiu: autoria, periódico de publicação, país de origem, ano da publicação, objetivos, desenho, número da amostra e principais resultados.



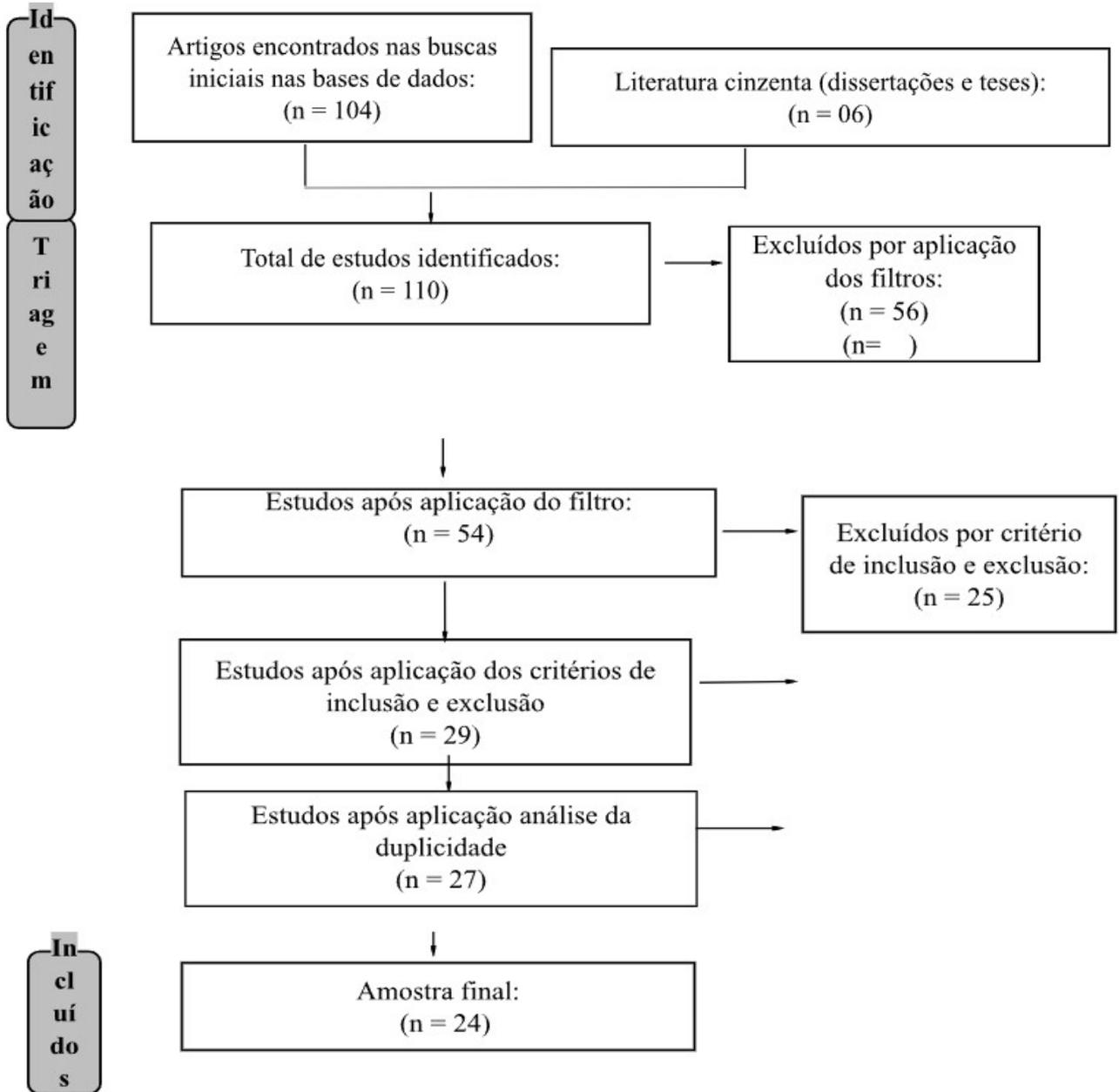
A pesquisa, por tratar-se de uma revisão de escopo, não foi submetida ao comitê de ética em pesquisa por não se tratar de pesquisas primárias com seres humanos nem com dados confidenciais



## RESULTADOS

A partir da definição dos critérios, partiu-se para as buscas nas bases de dados escolhidas. Ao todo, houve o retorno inicial de 104 (pesquisas originais) e 06 pesquisas (literatura cinzenta), totalizando n= 110. Após um processo de análise e seleção dos estudos, chegou-se ao quantitativo final de 24 artigos. Na figura 1 a seguir é apresentado um fluxograma exemplificando todo o processo.

Figura 1 - Fluxograma do processo de busca e seleção das publicações de acordo com as recomendações do PRISMA-ScR.12 Crateús/CE, Brasil, 2023.



Fonte: Fluxograma PRISMA ScR (adaptado) do processo de seleção do estudo.

## Quadro 2 - Caracterização dos estudos para revisão de Escopo. Crateús/CE, Brasil, 2023.

Nº Autor	Título	Base de dados / Periódico	Ano/país Idioma	Principais Desafios	Limitação da Pesquisa
01 Soares, et al	How do I talk to you? The communication of the nurse with the deaf user	SCIELO / Rev. Baiana enf	2018 Brasil Português	O desconhecimento dos profissionais de saúde quanto à língua de sinais, não sendo bem compreendidos por meio de mímicas ou explicações visuais.	Os sujeitos do estudo foram profissionais apenas da Atenção Básica de Saúde. Além disso, foram selecionados apenas profissionais de enfermagem de nível superior, quando poderia ter sido considerada toda a equipe de enfermagem ou, melhor ainda, toda a equipe de saúde.
02 França, et al	Dificuldade de profissionais na atenção à saúde da pessoa com surdez severa	SCIELO / Ciência Y enfermagem XXII	2016 Brasil Português	Falta de autonomia do paciente, dificuldade na comunicação entre o paciente surdo e o profissional, falta de amparo estrutural para atender as necessidades do paciente.	A limitação do estudo está na não adoção de qualquer critério para dimensionar a amostra qualitativa, a não ser o reconhecimento de experiência clínica declarada pelos profissionais.
03 Martínez; Miranda;	Intervenciones de comunicación exitosas para el cuidado a la salud em personas com deficiência auditiva	SCIELO / Enfermeria Universitaria Eneo	2012 México Espanhol	O desafio de compreender termos e a realidade abordada para desenvolver um consenso comum para qual a melhor conduta do enfermeiro na comunicação entre o paciente surdo-profissional.	Não foi descrita nenhuma limitação ao longo do trabalho.
04 Brito; Lava-reda	O enfermeiro e os desafios da inclusão: outros "entrelugares" da formação e da prática profissional	LILACS / Comun. ciênc. Saúde	2015 Brasil Português	A forma como os profissionais da área da enfermagem precisam se adequar as variações linguísticas existentes no território brasileiro.	Esse estudo deve ser analisado e refletido em diferentes abordagens, adequando-se as variações linguísticas.
05 Nepomuceno, et al	Assistência de enfermagem a uma paciente surda hospitalizada: relato reflexivo de uma experiência	BDENF / Revista Enfermagem Atual Inderm	2022 Brasil Português	Dois grandes desafios: programar os conhecimentos técnico-teóricos baseados em evidência científica estudados durante a graduação; e prestar uma assistência de alta complexidade para uma paciente surda.	Trata-se de um relato de caso, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
06 Sanchez et al	The role of the nurse in relation to the deaf patient	BDENF / Revista Brasileira de ciências da vida	2019 Brasil Português	O desconhecimento dos internos de enfermagem quanto à língua de sinais, bem como a sua aplicação na rotina de atendimentos.	Trata-se de um relato de caso, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
07 Marquete, et al	Comunicação com deficientes auditivos na ótica de profissionais de saúde	BDENF / Rev. Baiana Enferm	2018 Brasil Português	A maioria dos profissionais de saúde não tem conhecimento em LIBRAS para atender os pacientes surdos que em sua grande maioria vão sozinhos aos consultórios.	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
08 Thomaz, et al	Acessibilidade do adolescente com deficiência auditiva aos serviços de saúde	BDENF / Rev. Eletr. Enferm	2019 Brasil Português	Falta de preparo dos atendentes aos pacientes surdos, bem como das unidades de saúde, causando assim contrangimento ao paciente e sua família, menorizando a saúde destes adolescentes.	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
09 Aragão, et al	Access and communication of deaf adults: a voice silenced in health services	BDENF / Rev. Pesquisa cuidado é fundamental on line	2014 Brasil Português	A dificuldade de comunicação entre paciente surdo-profissional e a dependência de um ente familiar para a realização do atendimento com mais praticidade	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
10 Widner-Kolberg	Hard of Hearing Is Not Deaf	PUBMED / Revista on line AJN.	2014 EUA Inglês	A perda auditiva afeta a segurança dos pacientes, bem como as atividades mais importantes da vida diária. Ao impedir a comunicação, a perda auditiva também contribui para sentimentos de solidão depressão e isolamento	Não possui limitação, pois se trata de um artigo de opinião.

11 Pendergrass, et al	Nurse practitioner perceptions of barriers and facilitators in providing health care for deaf american sign language users: a qualitative socio-ecological approach	PUBMED / Journal of the American Association of Nurse Practitioners	2017 EUA Inglês	Os atendimentos são dificultados pela ausência do conhecimento dos profissionais de saúde quanto à língua de sinais	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo
12 Hickey, et al	Breast cancer education for the Deaf community in American Sign Language	PUBMED / Oncol Nurs Forum	2013 EUA Inglês	A possibilidade de os assistentes sociais não saberem como cuidar de um utilizador surdo de ASL, bem como, a necessidade do entrevistador elucidar termos.	A prática real pode diferir da resposta do participante devido os seus empenchos.
13 Funk; Mullen	CE: Original Research: Understanding the Hospital Experience of Older Adults with Hearing Impairment	PUBMED / Am J Nurs.	2018 EUA Inglês	O conhecimento acerca do câncer de mama pelos entrevistados surdos era muito baixa devido a falta de conscientização que atendesse às necessidades desse grupo.	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
14 Sheppard	Deaf adults and health care: giving voice to their stories	PUBMED / J Am Assoc Nurse Pract	2013 EUA Inglês	O despreparo por parte dos profissionais de saúde e estabelecimentos médicos para atender pacientes surdos causam traumas emocionais que são levados por esses pacientes a vida toda	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
15 Gregory K, et al	Bridging communication gaps with the deaf	PUBMED / Nursing	2013 EUA Inglês	Widner-Kolberg	Trata-se de um artigo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
16 Yuksel; Unver	Use of Simulated Patient Method to Teach Communication With Deaf Patients in the Emergency Department	PUBMED / Clinical Simulation in Nursing	2016 Turquia Inglês	Os profissionais da área da enfermagem não estão preparados para atender pacientes surdos a partir do que é repassado academicamente	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
17 Lori J, et al	Promoting Best Practice for Perinatal Care of Deaf Women	PUBMED / Nursing for Women's Health	2018 EUA Inglês	As mulheres surdas grávidas não tem tanto conhecimento a respeito da sua condição devido a falta de material adequado, bem como, a utilização de técnicas de comunicação, por parte dos profissionais de saúde, muitas vezes com termos fora do entendimento da gestante, o que a deixa desamparada.	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
18 Hemsley, et al	Caring for patients with complex communication needs: time as barrier and facilitator for successful communication in the hospital	MEDLINE / Revista JAN	2011 Austrália Inglês	Falta de capacitação muitos enfermeiros relatam a dificuldade em atender pacientes surdos, precisando de um familiar para auxiliar, bem como o tempo de experiência desses profissionais interferiu diretamente na qualidade do serviço ofertado.	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
19 Patak, et al	Improving patient-professional communication: a call to action	MEDLINE / Institutes Health of National	2009 EUA Inglês	A falta de comunicação adequada entre profissionais da saúde e pacientes surdos levam a erros médicos, tratamentos prolongados e dificuldade de compreensão por ambas as partes.	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.

20	Finke, et al	ceptio A systematic review of nurse communication effectiveness with patients with complex communication needs focusing on the use of augmentative and alternative communication	MEDLINE / Journal of Clinical Nursing	2008 EUA Inglês	A maioria dos profissionais da área da enfermagem não estão preparados para atender pacientes surdos, dificultando o seu cuidado. Poucos são os profissionais que utilizam técnicas, como lingua de sinais, para manter um atendimento de qualidade	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
21	Happ, et al <sup>54</sup>	Silence is not golden	MEDLINE / Institutes Health of National	2008 EUA Inglês	Os centros médicos não estão preparados para atender as necessidades desses pacientes surdos	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
22	Nogueira	Planejamento familiar entre casais surdos: relato de uma metodologia educativa	Biblioteca de Tese / Tese Doutorado em enfermagem Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, UFC	1998 Brasil Português	O conhecimento de casais surdos quanto a métodos contraceptivos não é de qualidade remetendo assim a seu planejamento familiar, bem como, se sentem mais acolhidos quando estão em grupo para abordar esse assunto.	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
23	Áfio	Tecnologia assistiva para educação de surdo sobre saúde sexual e uso do preservativo	Biblioteca de Tese / Tese Doutorado em Enfermagem-Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, UFC	2019 Brasil Português	A educação sexual para pessoas surdas ainda é pouco comum	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.
24	Silva	Vídeo educativo acessível sobre doação de sangue para surdos	Biblioteca de Tese / Tese Doutorado em Enfermagem-Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, UFC	2021 Brasil Português	Pessoas surdas enfrentam barreiras de comunicação e linguística na educação em saúde e têm ficado à margem do processo de ensino-aprendizagem. Assim, captar e fidelizar esse público como doadores de sangue constituem empecilhos diante do desconhecimento e da dificuldade no entendimento do processo, ao passo que os hemocentros enfrentam escassez sanguínea todos os anos	Trata-se de um estudo pontual, não podendo ser tratado como verdade única, mas que deve ser analisado como um todo.

Fonte: Elaborado pelos autores com base na própria pesquisa 2023

Trata-se de uma lista de estudos relacionados aos desafios da equipe de enfermagem na comunicação com pacientes surdos no contexto dos serviços de saúde. Os artigos foram publicados entre 1998 a 2022, sendo as pesquisas descritas numa sequência cronológica em que foram evidenciados 24 estudos.

Com relação aos Países que fizeram as pesquisas sobre a temática, destacamos: Brasil (11 estudos); Estados Unidos da América (10 estudos); México (01 estudo).

Turquia (01 estudo) e Austrália (01 estudo). Alguns dos tópicos abordados nesses artigos incluem os desafios enfrentados pelos profissionais de saúde na assistência a pacientes surdos, intervenções de comunicação bem-sucedidas e a acessibilidade dos serviços de saúde para adolescentes e adultos surdos.

#### DISCUSSÃO

A análise dos estudos revisados permiti-

tiu identificar dois grandes eixos temáticos relacionados à comunicação entre a equipe de enfermagem e pacientes surdos: as dificuldades na comunicação e as intervenções aplicadas para superar essas barreiras.

#### Dificuldades na comunicação com pacientes surdos.

Os resultados indicam que a maior dificuldade enfrentada pelos profissionais de enfermagem reside na falta de capacitação

em Libras. Conforme destacado por Nepomuceno<sup>(14)</sup>, essa limitação gera uma série de obstáculos que comprometem a qualidade e a segurança do atendimento, uma vez que os enfermeiros não conseguem se comunicar diretamente com os pacientes surdos. Este problema é ampliado pelo fato de que a Libras, apesar de ser reconhecida oficialmente como a segunda língua do Brasil pela Lei nº 10.436 de 2002, ainda não está incorporada de maneira obrigatória no currículo da maioria dos cursos de enfermagem e saúde.<sup>(10,15)</sup>

“ A ausência de preparo adequado na linguagem de sinais faz com que os profissionais de saúde frequentemente precisem recorrer a intérpretes ou a familiares dos pacientes, o que gera sérios desafios éticos e práticos. ”

Conforme Sheppard<sup>(16)</sup>, essa dependência de terceiros não apenas compromete a confidencialidade das informações, mas também pode resultar em diagnósticos imprecisos e prescrições incorretas. Além disso, os pacientes surdos relatam frequentemente sentimento de frustração, exclusão e até vergonha durante os atendimentos, o que contribui para a relutância em buscar serviços de saúde.<sup>(9)</sup>

Estudos como o de França<sup>(10)</sup> indicam que a falta de comunicação eficaz pode gerar prescrições equivocadas e aumentar o tempo de atendimento. Brito e Lavareda<sup>(15)</sup> observam que a presença de intérpretes, embora ajude a diminuir as barreiras, não garante um atendimento integral, uma vez que o paciente, muitas vezes, sente-se constrangido ao ter que expor suas questões na presença de um familiar ou outro mediador. Dessa forma, fica evidente que a formação dos profissionais de saúde precisa avançar para que o domínio da Libras seja integrado como uma ferramenta essencial no atendimento.

O estudo 01, que fizeram entrevista com 20 enfermeiros atuantes nas Unidades Básicas de Saúde no estado de Alagoas, Brasil. Constatou na pesquisa depoimentos sobre: “Desconhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais” e “Práticas utilizadas pelos enfermeiros para viabilizar a interação com usuários surdos”. E foi evidenciado com base nos depoimentos dos sujeitos da pesquisa, que todos os profissionais entrevistados relataram não saber a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Alguns disseram que já tiveram contato superficial, mas nenhum a dominava.<sup>(23)</sup>

No estudo 02, que investigou as dificuldades de profissionais da saúde para a realização da consulta com a pessoa com surdez severa, no município de Campina Grande, Paraíba, em 2011. Dentre as dificuldades destacaram-se: comunicação prejudicada, déficit na formação de recursos humanos para a consulta e reconhecimento das necessidades de saúde, infraestrutura inadequada para acolhimento e atendimento ao surdo, incerteza com relação aos cuidados em saúde prescritos na consulta e prejuízo da autonomia do paciente.<sup>(10)</sup>

De acordo com pesquisadores no estudo 05, em que trazem informações sobre qualquer dificuldade e barreira de comunicação que podem comprometer a segurança do paciente, tendo em vista que é preciso existir uma comunicação clara para que qualquer tratamento terapêutico possa ser prescrito e implementado.<sup>(14)</sup>

Essa situação também foi verificada no

estudo 02, no qual pesquisadores afirmam que os obstáculos para a interação entre o paciente surdo e o profissional impedem que haja prescrições seguras de tratamento, já que as dificuldades na comunicação podem gerar incertezas.<sup>(10)</sup>

O estudo 07, também traz essa condição da importância da comunicação ao longo dos atendimentos. Nesse estudo pesquisadores descrevem como é abordado as relações e que somente a troca de informações, conhecimentos, experiências, proporcionam o autocuidado, a promoção, a prevenção, a recuperação e a reabilitação da saúde.<sup>(20)</sup>

Com isso, muitas vezes os termos utilizados não são bem esclarecidos ao paciente, bem como este, que se sente envergonhado e acaba mentindo devido à presença de um familiar, aumentando as chances de um tratamento não satisfatório. Logo, essa comunicação por intérpretes inviabiliza também a sensação do paciente como indivíduo pertencente, já que ele fica como, “segunda voz” ao longo dos atendimentos. Brito e Lavareda,<sup>(15)</sup> no estudo 04, trazem informações quando dizem que apesar dos surdos valorizarem a presença, possuem ressalvas na confiança, tempo disponível, constrangimento e sentimento de piedade.

Outro estudo que traz a importância do profissional de saúde saber se comunicar com Libras é o estudo 08, em que é esclarecido que, diante das entrevistas que foram realizadas o atendimento foi considerado inadequado devido a falta de entendimento, impossibilitando o conhecimento real do problema, bem como dificulta a compreensão do surdo frente às condutas terapêuticas que serão realizadas. Além disso, os pesquisadores também relatam que os entrevistados mostraram mais satisfação e alívio quando encontraram médicos e enfermeiros que soubessem se comunicar por Libras, chegando até a acalmar as crianças surdas, que se sentiram acolhidas.<sup>(19)</sup>

Sendo assim, essa falta de qualificação profissional foi observada em quase todos os estudos (22 artigos), podendo-se citar os estudos 20, 19, e 16, no qual exemplificaram as situações onde o atendimento foi re-

alizado, no entanto com muita dificuldade.<sup>(27-28-29)</sup> Com isso, não foi possível por parte dos profissionais de saúde aplicar seus conhecimentos acadêmicos, bem como, os pacientes não conseguiam entender o seu diagnóstico, o tratamento e nem repassar o que estavam sentindo, diminuindo a qualidade da consulta. Marquete, et al.,<sup>(20)</sup> trouxe no estudo 07, dados em que foi evidente em seu experimento esse fato, no qual 96,5% dos profissionais de saúde relataram não saber se comunicar com Libras e 92,4% afirmaram não ter preparação para atender pessoas surdas.

Outra questão a respeito da língua de sinais evidenciada pelos artigos, é a situação onde o desconhecimento não ocorre só pelos profissionais da área da saúde, mas também pelos próprios pacientes. Nepomuceno, et al.,<sup>(14)</sup> no estudo 05, trouxe a situação onde a paciente não conhecia o sistema de Libras, se comunicando por meio de sinais desenvolvidos pela família.

Com isso, é demonstrada a exclusão que muitos pacientes têm da vida social e que muitas vezes inviabiliza os atendimentos. Os estudos 22, 23 e 24 trazem esse debate também ao citarem como os surdos se sentem mais a vontade quando tem mais deficientes auditivos no ambiente, além da ausência de conhecimento sobre questões básicas como doação de sangue e métodos contraceptivos.<sup>(9)</sup>

Concomitantemente, a falta de preparo dos profissionais de saúde vai além da correlação do conhecimento em língua de sinais, mas também da aceitabilidade e postura dos enfermeiros. No estudo 11, descreveram que os pacientes surdos se sentem ignorados por atendentes de saúde, além de enfermeiros relatarem que em alguns casos sabiam a língua de sinais mas optaram por esperar um intérprete ou um familiar para realizar o procedimento.<sup>(22)</sup>

### **Intervenções aplicadas na comunicação com pacientes surdos**

No que tange às intervenções, os estudos revisados apontam várias abordagens utilizadas para tentar mitigar as barreiras de

comunicação entre profissionais de saúde e pacientes surdos. A utilização de intérpretes de Libras aparece como uma solução frequentemente adotada, mas, conforme observado por Soares et al.<sup>(2)</sup>, essa prática traz consigo desafios, como a dependência de familiares que nem sempre são intérpretes capacitados. Brito e Lavareda<sup>15</sup> ressaltam que essa solução, embora prática, pode comprometer a precisão da comunicação e a autonomia do paciente, uma vez que muitos termos técnicos de saúde podem não ser adequadamente traduzidos.

Além disso, autores como Funk e Mullen<sup>(17)</sup> sugerem o uso de tecnologias assistivas, como vídeos educativos e aplicativos de comunicação visual, para ajudar a melhorar o entendimento dos pacientes surdos em temas de saúde, como campanhas de doação de sangue e educação sexual. Esses recursos têm mostrado eficácia em situações específicas, mas, como apontado por Hubbard et al.,<sup>(18)</sup> o uso exclusivo dessas tecnologias não substitui a necessidade de uma comunicação direta e eficaz por parte dos profissionais de saúde.

De fato, o estudo de Nepomuceno et al.,<sup>(14)</sup> revela que o uso de intérpretes e de recursos visuais, embora auxiliares, não garante a plena eficácia do atendimento. É fundamental que os profissionais dominem a Libras para proporcionar uma comunicação mais clara e precisa, sem depender de intermediários. Thomaz et al.,<sup>(19)</sup> também reforçam a importância do uso de Libras para garantir a autonomia do paciente surdo e preservar sua privacidade durante o atendimento, sem o constrangimento de depender de terceiros.

Outro ponto de destaque é o impacto positivo que a capacitação em Libras tem no bem-estar dos pacientes. Segundo Marquete et al.,<sup>(20)</sup> pacientes que foram atendidos por profissionais capacitados em Libras relataram uma maior sensação de acolhimento e confiança, especialmente em contextos que envolvem crianças e gestantes surdas<sup>(18)</sup>. Esses dados evidenciam a necessidade de políticas que incentivem não só o treinamento técnico, mas também a promoção de um atendimento empático

e inclusivo.

Ademais, é necessário destacar que as outras medidas citadas nos estudos, tais como: recursos visuais e os intérpretes, trazem um atendimento um pouco melhor, no entanto não superam a qualidade que o conhecimento em Libras traz, pois como citado anteriormente, o uso de intérpretes, não exclui as chances de o paciente mentir por vergonha, bem como, tem altas chances de desenvolver enganos ao passarem tratamentos, na triagem do paciente, entre outras situações.<sup>(19)</sup>

Logo, o uso dos recursos visuais, como vídeos educativos, auxilia na compreensão de um assunto e promove a conscientização, mas não dinamiza o atendimento, já que as formas de comunicação ainda estão bloqueadas. Por isso, é necessário utilizar essas medidas visuais atreladas ao uso de Libras. Os estudos 13, 17, 23 e 24, trazem esse conceito, já que todos estudam como as formas de conscientização, por meio de vídeos e fotos, trazem conhecimento aos indivíduos surdos, sobre doação de sangue, educação sexual, câncer de mama e gravidez.<sup>(17-18, 24-25)</sup>

### **CONCLUSÃO**

Os resultados desse trabalho mostraram que a equipe de enfermagem frequentemente enfrenta barreiras na comunicação com pacientes surdos, como falta de treinamento adequado em língua de sinais e falta de equipamentos de comunicação assistiva. Além disso, os pacientes surdos muitas vezes relatam experiências negativas em relação à comunicação com a equipe de enfermagem, incluindo sentimentos de exclusão e falta de compreensão.

Diante desses desafios, alguns estudos sugerem estratégias para melhorar a comunicação com pacientes surdos, como a utilização de intérpretes de língua de sinais, o uso de equipamentos de comunicação assistiva e o aumento da conscientização e treinamento da equipe de enfermagem sobre as necessidades específicas dos pacientes surdos.

## Referências

1. MONDELLI, Maria Fernanda Capoani Garcia; SILVA, Letícia de Sousa Lobo. Perfil dos pacientes atendidos em um sistema de alta complexidade. *Arquivos Internacionais de Otorrinolaringologia*, v. 15, p. 29-34, 2011.
2. SILVA, Anne Karine Goes de. Marcadores prosódicos da Libras : o papel das expressões corporais. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2019.
3. BRASIL. DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Regulamentaa Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 22 de dezembro de 2005.
4. SOARES IP, Lima EMM, Santos ACM, Ferreira CB. Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo. *Rev baiana enferm.* 2018;32:e25978
5. SOARES IP, Lima EMM, Santos ACM, Ferreira CB. Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo. *Rev baiana enferm.* 2018;32:e25978.
6. FERREIRA, Y. C. D. As dificuldades dos profissionais de enfermagem da Atenção Básica em prestar atendimento à Pessoa Com Deficiência (PCD) auditiva e/ou fala. *Revista Científica do Instituto Ideia*, v. 1, n. 8, p. 233-250, 2019.
7. BEGROW, Desirée de Vit; SANTOS, Daniella Souza; JESUS, Marília-Emanuela Ferreira de; BISPO, Manôa Marques de Carvalho; SOUZA, Mayara Pinheiro de; COSTA, Priscilla Santos. A (IN)VISIBILIDADE (IN) VISIBILIDADE DO SURDO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA: relato de experiência. *Revista Baiana de Saúde Pública*, [S.L.], v. 42, n. 4, p. 753-762, 12 ago. 2020.
8. CUNHA, Raiane Pereira Silva; PEREIRA, Mayara Candida; DE OLIVEIRA, Maria Liz Cunha. Enfermagem e os cuidados com pacientes surdos no âmbito hospitalar. *Revista de Divulgação Científica Sena Aires*, v. 8, n. 3, p.367-377, 2019.
9. NOGUEIRA, Luiz Gustavo Erthal et al. A ENFERMAGEM E A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO ATENDIMENTO HUMANIZADO AO DEFICIENTE AUDITIVO. In: 13º Congresso Internacional Rede Unida. 2017.
10. FRANCA, Nícia das Graças Gonçalves Machado; SILVA, Rodrigo Gomes da. Percepção de enfermeiros sobre a comunicação no atendimento à pessoa com deficiência auditiva. *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, [S.L.], v. 6, n. 3, p. 1-19, 2018.
11. LIMA, S. R. de L.; CARVALHO, D. M. PAIS OUVINTES, FILHO SURDO: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS COMO PRIMEIRA LÍNGUA. *Revista Sinalizar, Goiânia*, v. 1, n. 2, p. 190–203, 2016. DOI: 10.5216/rs.v1i2.41493. Disponível em: <https://re.vistas.ufg.br/revsinal/article/view/41493>. Acesso em: 30 maio. 2023.
12. Peters MDJ, Godfrey C, Mclnerney P, Munn Z, Tricco AC, Khalil, H. Chapter 11: Scoping Reviews (2020 version). In: Aromataris E, Munn Z (Editors). *JBIM Manual for Evidence Synthesis*, JBI, 2020. Disponível em: <https://synthesismanual.jbi.global> <https://doi.org/10.46658/JBIMES-20-12>. Acesso em: 17 de maio de 2023.
13. ARKSEY, H. & O'Malley, L. Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology*, 8 (1), 19-32. doi: 10.1080/1364557032000119616. (2005).
14. NEPOMUCENO, Samara dos Reis; Paiva, Jocilene da Silva; Lima, Hilderlânia de Freitas; Bezerra, Beatryz Holanda; Nogueira, Vanessa Teixeira de Freitas; Rouberte, Emília Soares Chaves. ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A UMA PACIENTE SURDA HOSPITALIZADA: RELATO REFLEXIVO DE UMA EXPERIÊNCIA. *Rev Enferm Atual In Derme* v. 96, n. 38, 2022 e-021235 (2022).
15. BRITO, Leidiane Mendes; LAVAREDA, Welton Diego Carmim. O enfermeiro e os desafios da inclusão: outros “entrelugares” da formação e da prática profissional. *Comunicação em Ciências da Saúde*, v. 26, n. 01/02, 2015.
16. SHEPPARD, K. Deaf adults and health care. *Journal of the American Association of Nurse Practitioners* 26 (2014) 504–510.
17. FUNK, Kellen; MULLEN, Lincoln A. The spine of American law: Digital text analysis and US legal practice. *The American Historical Review*, v. 123, n. 1, p. 132-164, 2018.
18. HUBBARD, Lori J.; D'ANDREA, Elizabeth; CARMAN, Luke A. Promoting best practice for perinatal care of deaf women. *Nursing for Women's Health*, v. 22, n. 2, p. 126-136, 2018.
19. THOMAZ, MM, Milbrath VM, Gabatz RIB, Freitag VL, Vaz JC. Acessibilidade do adolescente com deficiência auditiva aos serviços de saúde. *Rev Eletr. Enfermagem (internet)*. 2019. Acesso em: 22 maio de 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v21.55502>.
20. MARQUETE, Verônica Francisqueti, Maria Antônia Ramos Costa, Elen Ferraz Teston. Comunicação com deficientes auditivos na ótica de profissionais de saúde. *Rev baiana enferm*, 2018; 32:e24055.
21. PENDERGRASS, K.M. et al. Providing health care for deaf ASL users. *American Association of Nurse Practitioners*. 2017..
22. SOARES IP, Lima EMM, Santos ACM, Ferreira CB. Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo. *Rev baiana enferm.* 2018;32:e25978.
23. ÁFIO, Aline Cruz Esmeraldo. TECNOLOGIA ASSISTIVA PARA EDUCAÇÃO DE SURDOS SOBRE SAÚDE SEXUAL E USO DO PRESERVATIVO. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Fortaleza, 2019.
24. Silva, Máguida Gomes da. Vídeo educativo acessível sobre doação de sangue para surdos, Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Fortaleza, 2021.
25. DE SOUZA, Marcos Torres et al. Ensino de libras para os profissionais de saúde: uma necessidade premente. *Revista Práxis*, v. 1, n. 2, 2009.
26. FINKE EH, LIGHT J & KITKO L. Uma revisão sistemática da eficácia da comunicação da enfermeira com pacientes com necessidades complexas de comunicação com foco no uso de comunicação aumentativa e alternativa. *Revista de Enfermagem Clínica* 17, 2102– 2115
27. YUKSEL, Cigdem; UNVER, Vesile. Use of simulated patient method to teach communication with deaf patients in the emergency department. *Clinical Simulation in Nursing*, v. 12, n. 7, p. 281-289, 2016.
28. PATAK, Lance et al. Improving patient-provider communication: a call to action. *JONA: The Journal of Nursing Administration*, v. 39, n. 9, p. 372-376, 2009.
29. DE SOUZA, Marcos Torres et al. Ensino de libras para os profissionais de saúde: uma necessidade premente. *Revista Práxis*, v. 1, n. 2, 2009.

# BIGFRAL

Partiu

vi  
ver



Roupa Íntima Descartável Bigfral.  
Conforto, segurança e liberdade  
para você fazer o que quiser.



Discreta  
ajusta ao corpo



Inibe até  
100% de odores



Rápida  
absorção



Ajuda a manter  
a pele saudável

# Tradição e confiança no tratamento de feridas



- 1 **Aumenta a formação do tecido de granulação.\*<sup>1, 2</sup>**
- 2 **Melhora nos escores de classificação do leito da ferida.\*<sup>1</sup>**
- 3 **Promove melhor cicatrização.\*<sup>1, 2</sup>**



\*Comparativo entre colagenase (desbridamento enzimático; n=13) e hidrogel (desbridamento autolítico; n=14) no tratamento de lesões por pressão durante estudo de 6 semanas.  
Referências: 1. Bula Kollagenase Reg. MS nº 1.0298.0431. 2. Bula Kollagenase com cloranfenicol. Reg. MS nº 1.0298.0505.

**KOLLAGENASE COM CLORANFENICOL**

**CONTRAINDICAÇÃO: HIPERSENSIBILIDADE AOS COMPONENTES DA FORMULAÇÃO. INTERAÇÃO MEDICAMENTOSA: KOLLAGENASE® COM CLORANFENICOL NÃO DEVE SER UTILIZADA COM ANTISSÉPTICOS OU OUTROS MEDICAMENTOS QUE POSSAM DEPRIMIR A FUNÇÃO DA MEDULA ÓSSEA.**

**KOLLAGENASE® COM CLORANFENICOL** colagenase + cloranfenicol – pomada dermatológica 0,6 U/g + 0,01 g/g. USO DERMATOLÓGICA. USO ADULTO E PEDIÁTRICO. **INDICAÇÕES:** tratamento de lesões da pele em que é indicado o desbridamento e antibioticoterapia tópica, em feridas, úlceras e lesões necróticas em geral. **CONTRAINDICAÇÕES:** HIPERSENSIBILIDADE À COLAGENASE, AO CLORANFENICOL OU A QUALQUER OUTRO COMPONENTE DA FORMULAÇÃO; DOENÇA HEMATOLÓGICA PRESENTE OU ANTERIOR; QUEIMADURAS EXTENSAS. ESTE MEDICAMENTO NÃO DEVE SER UTILIZADO POR MULHERES GRÁVIDAS SEM ORIENTAÇÃO MÉDICA OU DO CIRURGIÃO-DENTISTA. **ADVERTÊNCIAS E PRECAUÇÕES:** se não houver melhora em até 14 dias, tratamento deve ser descontinuado. Faixa de pH ótimo para a atividade de colagenase entre 6 e 8. Evitar uso de compressas com íons metálicos ou soluções ácidas que baixam o pH. Antes da aplicação, fazer limpeza do local com soro fisiológico estéril removendo-se material necrótico e exsudatos. Aplicar, cuidadosamente, dentro da área lesada. Evitar contato com olhos e mucosa da cavidade oral. Absorção sistêmica de cloranfenicol não pode ser excluída após aplicação dermatológica. Evitar administração concomitante com outros medicamentos mielossupressores. O uso prolongado de antibióticos pode facilitar a proliferação de micro-organismos não sensíveis; caso ocorra, descontinuar o tratamento e tomar medidas adequadas. Monitorar pacientes debilitados para infecções bacterianas sistêmicas devido à risco aumentado de bacteremia. Colagenase com cloranfenicol só deve ser administrada nos primeiros 3 meses de gravidez quando estritamente indicado (cloranfenicol atravessa a placenta). Lactação: não recomendado. Recomenda-se cautela em recém-nascidos a termo e em prematuros para evitar toxicidade pelo cloranfenicol (monitorar níveis séricos). Pacientes diabéticos: procedimento de umidificação de gangrena seca deve ser realizado com rígido acompanhamento e cautela pelo risco de conversão para gangrena úmida. **INTERAÇÕES MEDICAMENTOSAS:** ANTISSÉPTICOS, METAIS PESADOS, DETERGENTES, HEXACLOROFENO, SABÕES OU SOLUÇÕES ÁCIDAS. TIOTRICINA, GRAMICIDINA E TETRACICLINAS NÃO DEVEM SER UTILIZADAS LOCALMENTE. RELATOS DE INTERAÇÕES ENTRE CLORANFENICOL E OUTRAS SUBSTÂNCIAS, COMO ALFENTANIL, CLORPROPAMIDA, FENITOÍNA, TOLBUTAMIDA, VARFARINA, FENOBARBITAL, RIFAMPICINA, VITAMINA B12 E PREPARAÇÕES CONTENDO FERRO OU AGENTES MIELOSSUPRESSORES. COLAGENASE É COMPATÍVEL COM PERÓXIDO DE HIDROGÊNIO, LÍQUIDO DE DAKIN e SORO FISIOLÓGICO ESTÉRIL. **POSOLOGIA E MODO DE USAR:** aplicar uniformemente na lesão (cerca de 2 mm) 1 a 2x ao dia, fazer higiene local, remoção de material necrótico desprendido, uso de soluções compatíveis, manter umidade suficiente, cobrir bordas das feridas com pasta óxido de zinco ou outra semelhante rotineiramente ou quando irritadas. **REAÇÕES ADVERSAS:** ardência, dor, prurido, eritema, irritação, eczema, hiperemia local, reações de hipersensibilidade. Reações adversas relatadas com uso prolongado de cloranfenicol dermatológico: discrasias sanguíneas (como hipoplasia da medula óssea, anemia aplásica, trombocitopenia, granulocitopenia), hepatite, angioedema. Se reações graves, descontinuação deve ser considerada. **SUPERDOSE:** não foram relatadas manifestações tóxicas com a ingestão acidental, entretanto, provocar vômito pode ser útil e, se necessário, lavagem gástrica. A superdose de cloranfenicol (concentrações plasmáticas acima de 30 mcg/mL) aumenta o risco de depressão da medula óssea e de "síndrome cinzenta". A ação da enzima é interrompida, se isto for desejável, pela aplicação da solução de Buraw USP (pH 3,6 – 4,4) à lesão. **APRESENTAÇÕES:** embalagem contendo 1 bisnaga de alumínio de 15 g, 30 g ou 50 g + 1 espátula plástica ou 10 bisnagas de alumínio de 30 g. *Para mais informações, vide bula do medicamento.* CRISTÁLIA – Produtos Químicos Farmacêuticos Ltda - Farm. Resp.: Dr. José Carlos Módolo CRF-SP nº 10.446 - Rodovia Itapira-Lindóia, km14, Itapira-SP - CNPJ nº 44.734.671/0001-51 - Indústria Brasileira - SAC: 0800 7011918 - nº do Lote, Data de Fabricação e Prazo de Validade: Vide Bisnaga/Coixa. **CLASSIFICAÇÃO: VENDA SOB PRESCRIÇÃO MÉDICA. SÓ PODE SER VENDIDO COM RETENÇÃO DA RECEITA.** - Reg. MS nº 1.0298.0505.

**KOLLAGENASE É UM MEDICAMENTO. SEU USO PODE TRAZER RISCOS. PROCURE O MÉDICO E O FARMACÊUTICO. LEIA A BULA.** Kollagenase - colagenase – pomada dermatológica 0,6 U/g. USO TÓPICO. USO ADULTO E PEDIÁTRICO. **INDICAÇÕES:** Desbridante enzimático para tratamento de lesões da pele; queimaduras; previamente ao transplante de pele. Reg. MS nº 1.0298.0431. CRISTÁLIA – Produtos Químicos Farmacêuticos Ltda. CNPJ 44.734.671/0001-51. Rodovia Itapira-Lindóia, km 14, Itapira, SP. Indústria Brasileira. SAC: 0800 7011918. **SE PERSISTIREM OS SINTOMAS, O MÉDICO DEVERÁ SER CONSULTADO.**